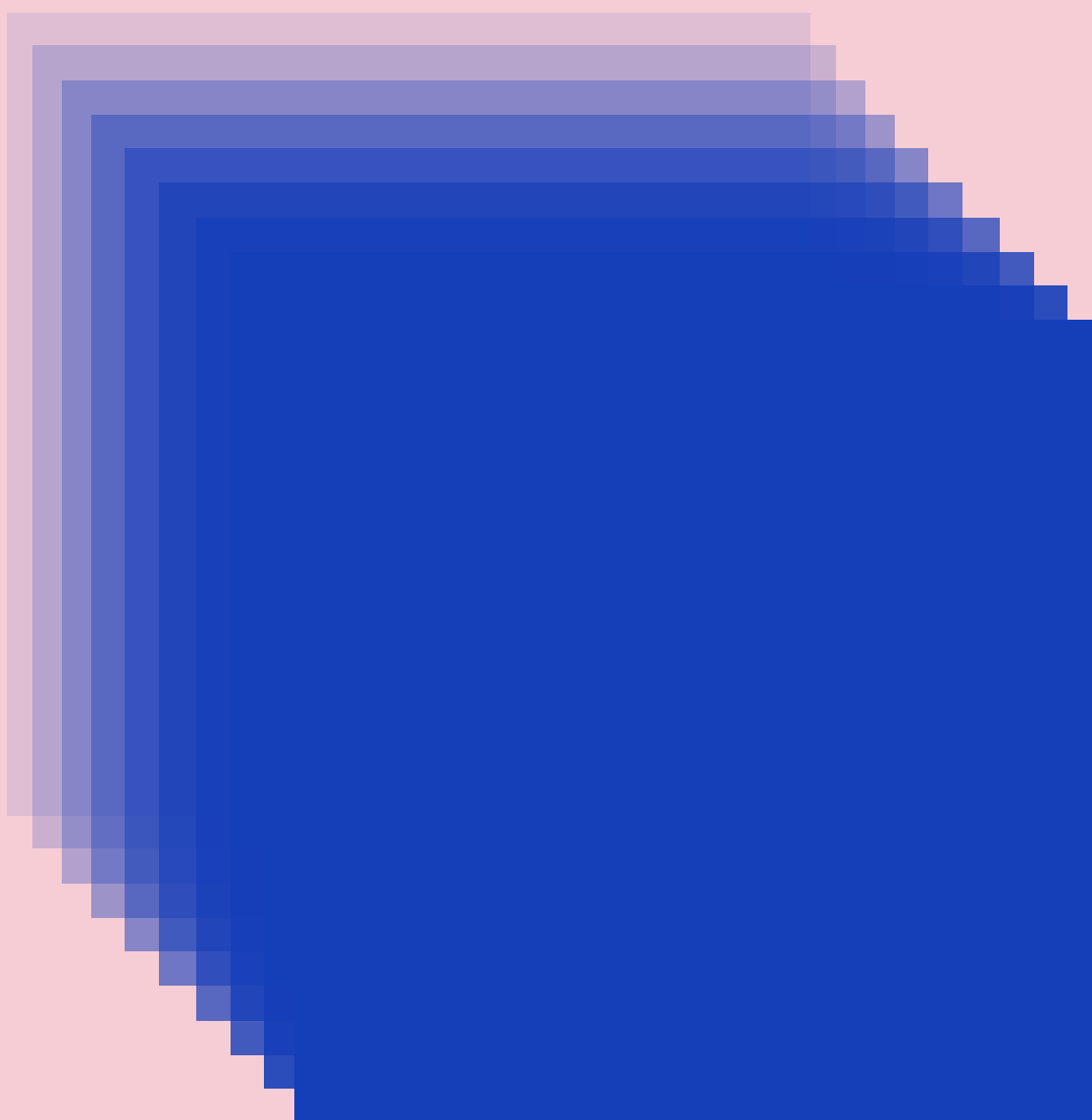


Compor com Gaia
(em tempos de coronavírus)

Jordi Carmona
Hurtado



Compor com Gaia (em tempos de coronavírus)¹

Um dia, de repente, estávamos no futuro. *O futuro era isso*. E tudo por culpa de um misterioso vírus que aparentemente tem o poder mágico de nos transportar no tempo. Enfim vivemos nesse futuro que tantas vezes nos foi oferecido como espetáculo, e que se mostrava cada vez mais obscuro, como os tons dos nossos piores pesadelos, desde que o capitalismo se lançara como o vencedor incontestável das lutas sociais modernas, estabelecendo-se como único mundo possível. Pois bem, agora, neste futuro que por fim se tornou presente, podemos entender que o antigo futuro, aquele que a sociedade pré-pandemia projetava como sua sombra não era, em absoluto, “distópico”, mas, pelo contrário, perfeitamente “tópico”. Isso quer dizer que era uma extensão, um aprofundamento de certas tendências próprias de nossa sociedade normal: que era o destino específico e o único horizonte possível da sociedade neoliberal.

É certo que as circunstâncias mudaram. Agora, como habitantes da radiante sociedade futura, estamos em quarentena, confinados em nossos habitáculos, separados indefinidamente de nossas famílias extensas, amores, amizades, tribos e comunidades variadas, assim como de qualquer possibilidade de ter encontros com outros corpos e

1 [Nota da editora] Este texto foi originalmente publicado em espanhol, no dia 23 de março de 2020, pelo site El Salto [disponível em: tinyurl.com/cad103espanhol]

de participar fisicamente de algum tipo de sociabilidade. Só nos restam as redes sociais virtuais, que são a reconstrução capitalista descarnada desses mesmos vínculos espontâneos que o capitalismo foi destruindo. Mas isso também significa que um certo projeto civilizatório está se realizando plenamente: por fim, somos plenamente Indivíduos, e por fim há somente indivíduos ilhados no espaço público, sempre a uma distância prudente uns dos outros, na prototípica relação policial de hostilidade comum. Ainda que a realização da ideia liberal por excelência também implique a supressão de qualquer liberdade política, e já não são os direitos humanos, tampouco entes capitalistas como o Facebook ou o Tinder, nem as tecnologias que nos permitem existir como celulares ou *notebooks*, mas o próprio Estado quem fabrica indivíduos por decreto de exceção. A situação atual mostra que o suposto conflito liberal entre indivíduo e Estado é o falso conflito por excelência, pois ambos são exatamente as duas faces da mesma moeda capitalista. Longe de interrompê-lo, a pandemia não faz, à primeira vista, nada além de executar com perfeição e levar às suas últimas consequências o projeto civilizatório moderno.

O futuro era a guerra

A supressão total das liberdades públicas no futuro se explica pelo fato de termos entrado em uma nova guerra, e isso não é nenhuma metáfora. O futuro era a guerra, agora começamos a ver claramente. E nossa civilização, como, novamente, nos deixavam entrever os pesadelos de ficção com os quais nos mantínhamos entretidos, não fazia

nada além de nos preparar para a guerra. Essa guerra, é certo, não se desenvolve entre nações nem entre classes: é uma *guerra de um novo tipo*, ainda mais bizarra e anômala do que a guerra imediatamente precedente contra o terrorismo, e é preciso tratar de entendê-la para orientar-se na situação. Nessa nova guerra imunológica, as relações de classe se mantêm de acordo com o lugar que ocupamos no campo de batalha. Há os que estão na vanguarda, na linha de frente, correndo mais riscos, os heroicos soldados de elite da cura. Essa vanguarda tem seu aspecto intelectual e estratégico, encarnado pelos representantes avançados da ciência oficial, que estudam o invisível e monstruoso inimigo e investigam possíveis armas definitivas em forma de vacina. Adiante está a massa anônima e proletária de soldados de produção e distribuição, igualmente heroica e igualmente exposta ao risco de contágio. No meio estão os que podemos chamar “enlaces”, os novos indivíduos que formam a única população das ruas desertas e que conectam o fronte da produção com o do consumo. A retaguarda do consumo, por último, é a mais privilegiada e a menos exposta. O Estado de exceção ou de alarme, que na verdade é um Estado de guerra, só pede aos soldados da frente de consumo que se mantenham em casa entretidos como bem possam, que puxem de vez em quando os que se encontram nos postos mais próximos da linha de combate e que deixem para os especialistas o resto.

Se a guerra contra o vírus não é inteiramente uma luta de classes, apesar de manter e purificar as relações de classe habituais sob a vigilância do Estado de guerra, tampouco é uma guerra entre nações. No limite, estamos vendo que certos equilíbrios de poder geopolítico se

deslocam (China), mas de uma maneira mais paulatina e sem grandes confusões, como efeitos colaterais da guerra, e não o que está no centro dela. Assim, do mesmo modo que a nova estrutura de classes posta em jogo pela guerra contra a pandemia reduz as relações de produção e consumo a um mínimo de sobrevivência, também proíbe-se qualquer viagem e deslocamento que não sejam estritamente necessários. Na nova ordem da mobilização imunológica não somos mais turistas nem cidadãos do mundo, mas, no máximo, habitantes de nossa rua ou nosso bairro, em um brutal salto qualitativo do global ao local.

O jubileu da vida

No futuro em que habitamos, o ritmo de nossa produção e consumo está se reduzindo tão drasticamente quanto a amplitude do círculo que os movimentos de nossas vidas desenham. Isso quer dizer que a terapia de choque da pandemia está conseguindo algo que nenhuma campanha ecológica havia conseguido: que entremos, por fim, numa *dinâmica de decrescimento*, sem a qual, é necessário lembrar, estávamos nos lançando de cabeça e a toda velocidade em direção ao colapso. E os efeitos felizes desse decrescimento começam a ser sentidos em nosso entorno: pássaros cantam de novo no coração das grandes cidades onde antes só grunhiam os carros, os céus eternamente escurecidos pela fumaça das fábricas se abrem, a água dos rios e canais volta a ser transparente, javalis se apinham em avenidas desertas. A vida não humana começa muito lentamente a celebrar seu jubileu. E nesse ponto, a realidade se mistura com os desejos utópicos mais profundos do nosso

tempo, que impacientemente se expressam em forma de *fake news*, com imagens de golfinhos brincalhões, elefantes bêbados e pequenos cervos despreocupados invadindo um mundo humano em quarentena. É certo que, enquanto a vida não humana começa a recuperar o alento, muitas vidas que já tinham dificuldades para seguir respirando – mesmo se não são as únicas – deixam de fazê-lo definitivamente, o que é absolutamente terrível e faz parte das calamidades e desastres da guerra. Mas apesar disso a integridade obriga, ainda que sob o risco de ser acusado de traidor nas próprias filas, a reconhecer as virtudes do inimigo, pois esse é um evento que também está agindo como uma espécie de estranho aliado ecológico.

Quem é esse temível inimigo ao qual nossa civilização declara guerra, essa forma de vida absolutamente inocente que nos adoece e nos mata, mas que ao mesmo tempo está reequilibrando a balança da vida terrestre? Hannah Arendt diferencia o pensamento científico, que se pergunta pelo “quê” das coisas, ou seja, por sua objetividade sem sentido, do pensamento filosófico, que se pergunta pelo “quem”, isto é, pelo significado dos acontecimentos. A partir desse ponto de vista, o que significa esse novo vírus?

Respondamos diretamente: a pandemia atual é o sinal de que a *natureza se tornou um agente histórico* com o qual é preciso contar daqui por diante. Esse é o significado fundamental do que está acontecendo: nossa civilização capitalista, mesmo perfeitamente consciente de que caminhava a toda velocidade em direção ao desastre ecológico, era incapaz de revolucionar a si mesma, ou sequer de reformar a si mesma de uma maneira convincente; e só a irrupção de uma força viva sem

intenção nem vontade está conseguindo forçar essa transformação. Esse ser vivo provocou a interrupção e o freio necessário que a civilização moderna, com toda sua impotente soberba, era completamente incapaz de dar. Nesse sentido, apesar de que lhe declaramos guerra, é muito provável que o vírus esteja nos ajudando profundamente a longo prazo, e de qualquer modo está nos dando uma lição que seria muito importante escutar.

Não estamos sozinhos, não podemos sozinhos

Essa lição tem a ver tanto com reconhecer que *não estamos sozinhos*, como também que *não podemos sozinhos*. Mas isso não significa que agora vamos encontrar Deus na solidão de nossas vidas confinadas ou outra espécie inteligente nos confins siderais da expansão capitalista. É nessa mesma Terra que habitamos onde não estamos sozinhos, e o vírus é, de fato, a expressão de que existe uma inteligência terrestre muito mais ampla que nossa humana consciência narcisista e unilateral. Não nos referimos a algo místico ou esotérico, mas simplesmente à inteligência da vida como um todo. Trata-se desse tipo de inteligência subterrânea que se manifesta abertamente em todos os processos de criação e procriação.

Pensemos nos exemplos mais simples: quando uma mulher grávida está perto de dar a luz, desenha-se em seu ventre uma linha vertical que une a púbis aos seios, ao mesmo tempo em que se escurecem os mamilos, marcando assim o caminho que o recém nascido quase cego terá que percorrer para conseguir seu alimento. Essa espécie de

milagrosa tatuagem espontânea não é traçada nem pela consciência humana da mulher nem por Deus, mas pela inteligência inconsciente e imanente da própria vida, a mesma que produziu o tecido de tudo o que é vivo, e que também nos criou.

Em relação à inteligência humana, seria preciso pensar essa inteligência da vida de um modo homólogo àquele como Spinoza pensou Deus, isto é, sem nenhuma analogia. A essa inteligência não importa em nada o destino singular da humanidade, pois ela se interessa somente pela vida em seu conjunto. Em um dos livros mais esclarecedores a respeito da situação atual, *No tempo das catástrofes*, Isabelle Stengers chama “Gaia” a essa inteligência não humana, de acordo com a hipótese proposta por Lovelock e Margulis nos anos 1970. Stengers também nos dá a chave estratégica fundamental da nossa situação: “Lutar contra Gaia não tem sentido, trata-se de aprender a compor com ela. Compor com o capitalismo não tem sentido, trata-se de lutar contra seu domínio”.

O que significa compor com Gaia

Evidentemente, compor com Gaia, em nossa situação, não quer dizer ajudar o vírus a se estender ou fazer com que mais pessoas se contagiem, para que, por fim, o capitalismo pereça junto com toda a espécie humana. Significa aprender a compreender e a respeitar essa inteligência da vida que se manifestou de maneira espetacular com o vírus, e sem a qual não somos capazes nem de sobreviver, nem de cuidar minimamente do planeta no qual vivemos. Compor com Gaia tem a ver com aprender a nos limitarmos, a nos autolimitarmos em

todos os sentidos para deixar espaço livre, aberto e selvagem a essa vida que, graças ao vírus, começou a abrir caminhos pelo mundo. Compor com Gaia quer dizer, portanto, não abandonar nunca mais a dinâmica de decrescimento a que o vírus nos forçou, e lutar com todas as forças contra toda tentativa do capitalismo de recuperar o controle da situação e retomar o caminho suicida do crescimento. Aprender a compor com Gaia, enfim, é a única maneira de honrar verdadeiramente os heróis e vítimas dessa estranha guerra, e fazer com que tudo isso tenha algum sentido.

Compor com Gaia, no entanto, supõe antes de tudo entender que é completamente absurdo tratar o vírus como um inimigo militar. E isso implica, em um momento ou outro, desertar da guerra em curso, desertar da nossa civilização-guerra, que revela seu rosto definitivo nesses momentos, para nos apoiarmos mutuamente e compormos, mediante nossas ações, com a inteligência de tudo o que é vivo. No entanto, como os movimentos libertários sempre souberam — e hoje em dia se torna dramaticamente imperioso — a desobediência exige uma responsabilidade infinitamente maior que a obediência. Diante dessa necessidade de uma deserção absolutamente responsável da guerra em curso coloca-se, então, toda uma série de questões práticas que só a inteligência coletiva será capaz de resolver: como des-militarizar, como des-hierarquizar, como des-autorizar, como *des-policiar* nossas vidas e, ao mesmo tempo, nos cuidarmos e nos protegermos do vírus? Como nos reencontrarmos? Como transformar o deserto humano no qual estamos confinados em um mundo vivo? Como descobrir uma liberdade nova, própria de uma cultura do decrescimento? Que uso

alternativo dar a esses centros comerciais que não abrirão mais, a esses cemitérios das finanças? Que nova arte inventar, com toda a sucata da civilização industrial? Como, em vez de nos deslocarmos até a praia, descobri-la sob a calçada?² Como criar nas praças de nossas cidades pomares de damascos, nas quais antes havia somente monumentos do imperialismo?³ Como fazer com que nossos jardins se transformem em florestas?⁴ Para responder a essas perguntas, a inteligência coletiva nunca mais estará sozinha: a vida assiste com expectativa às nossas evoluções desde o outro lado da barreira.

2 A frase faz referência às palavras de ordem “Sous le pavês, la plage” (Sob o pavimento, a praia), utilizadas em maio de 1968.

3 Em *Notícias de Lugar Nenhum*, romance de William Morris, propõe-se que se destrua o monumento bélico em homenagem ao almirante Horatio Nelson, construído em Trafalgar Square, no centro de Londres, para cultivar em seu lugar um pomar de damascos.

4 No poema “Les compagnon dans le jardin”, de René Char, há um verso que diz: “Dans nos jardins se préparent des forêts” (Em nossos jardins preparam-se florestas).

Caderno de Leituras n.103

Compor com Gaia (em tempos de coronavírus)

Jordi Carmona Hurtado

Coordenação editorial: Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte: Luísa Rabello

Tradução: Clarissa Xavier

Revisão da tradução: Clara Delgado

Projeto gráfico: Rita Davis

Composto em UnB Pro

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, abril de 2020

Esta e outras publicações da editora
estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo
à Cultura de Belo Horizonte. Patrocínio UniBH. Projeto 0699/2017.

Patrocínio

Incentivo

unibh

LMIC
LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA